

Arte urbana e cultura hip-hop

20 Aprofundamento do conteúdo.

O *hip-hop* nasceu na década de 1970, nas ruas do Bronx, bairro de Nova Iorque, Estados Unidos. Era um movimento cultural dos jovens negros que buscavam sua identidade na arte urbana, usando um forte discurso de protesto político. A cultura *hip-hop* abrange diversas linguagens: na música, o *rap*; nas artes visuais, o *graffiti*; na dança, o *break*.

O *hip-hop* ganhou força no Brasil a partir da década de 1980, em São Paulo, quando vários artistas passaram a usar a linguagem do *graffiti* como forma de intervenção estética na cidade.

Graffiti

É difícil definir quando surgiu o *graffiti*. Os romanos costumavam escrever nas paredes das cidades que conquistavam. Bem antes deles, na Pré-História, os seres humanos já faziam inscrições em cavernas. Mas foi por volta da década de 1930, em Nova Iorque, que surgiu o que se convencionou chamar de arte do *graffiti*, ou seja, marcas gráficas deixadas em espaços públicos, como edifícios e ônibus, por um autor com sua assinatura.

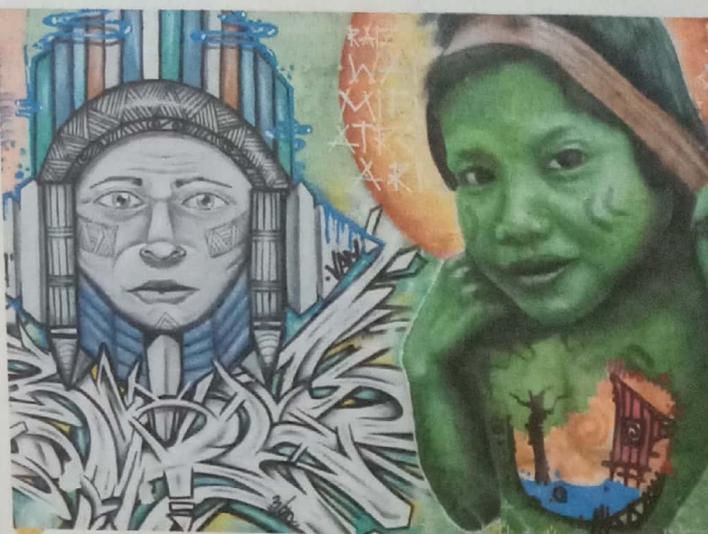
Buscando novas formas de expressão no espaço urbano, os artistas do *graffiti* usam o *spray* ou outras tintas, giz e carimbos para registrar palavras e criar desenhos com diferentes graus de complexidade.

Por seu dinamismo, breve duração e profusão de cores, o *graffiti* reflete a experiência de se viver em uma cidade nos dias atuais. Essas obras provisórias surgem em becos e muros, trazendo traços que vão do grotesco ao infantil e humor que vai da reflexão à ironia, e transformam cores e formas da paisagem urbana.

Como outras artes urbanas, o *graffiti* sofre preconceitos por seu caráter transgressor. Mas, ao mesmo tempo, tem conquistado espaços cada vez mais amplos em ruas das cidades, galerias e museus.

©Shutterstock/Ricardo Cohen - rcviev

©Shutterstock/Watch The World



Graffiti em Manaus, Amazonas

Obra do artista Kobra, no centro do Rio de Janeiro





arte Brasileira



Entre os artistas de *graffiti* de maior destaque no Brasil e no mundo, estão OSGEMEOS, dupla formada pelos irmãos paulistanos Otávio e Gustavo Pandolfo. A partir da década de 1980, os dois artistas passaram a criar obras nas ruas, explorando possibilidades de criação com pintura, desenho e esculturas.

Observe algumas obras desses artistas.



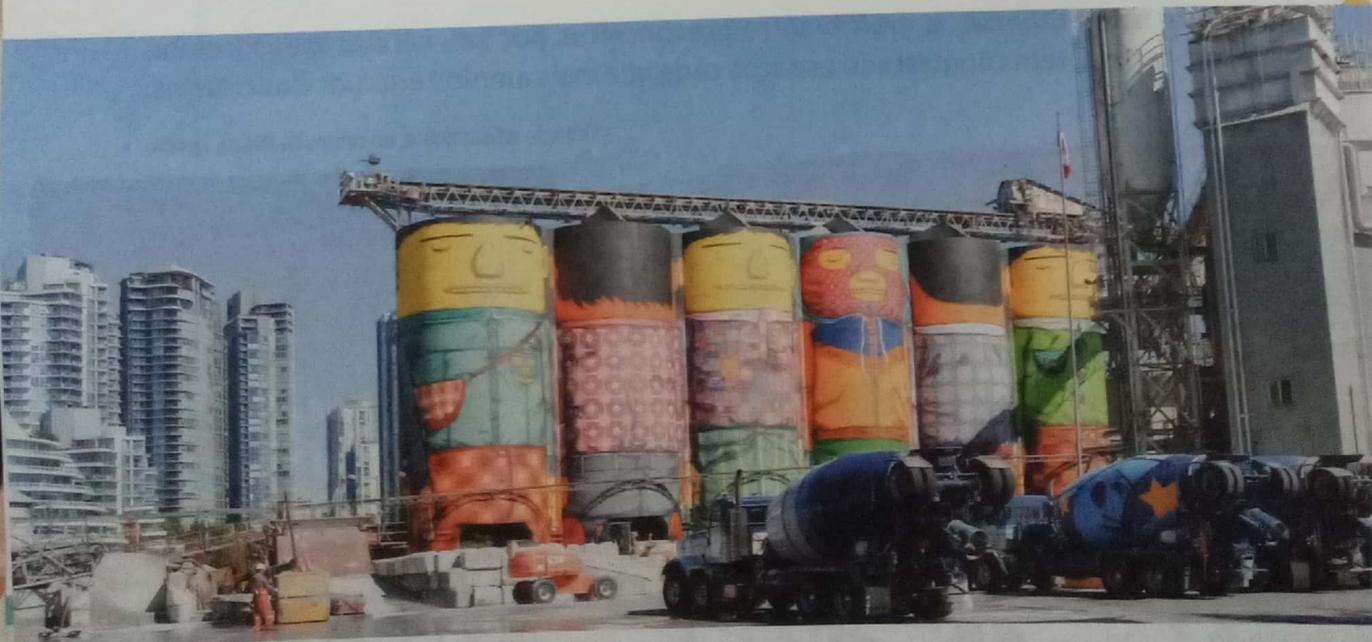
©Peter Ptscheinzew/Alamy/Fotoarena

©Getty Images/Pier Marco Tacca

Mural em Nova Iorque, 2015



Estocolmo, Suécia, 2017



©Shutterstock/Sergei Bachlakov

Vancouver, Canadá, 2014

Rap

O rap (sigla para *rhythm and poetry*, que, em português, significa "ritmo e poesia") é a expressão musical e verbal da cultura *hip-hop*. Teve início no fim da década de 1960, sob a influência jamaicana, também no bairro nova-iorquino do Bronx.

Com a chegada de sistemas de som usados para mixar novas músicas, foi criado o *scratch*, um modo de usar a agulha dos toca-discos no sentido anti-horário. Durante a música, os cantores que improvisavam discursos rimados passaram a ser chamados de *rappers* ou MC (mestres de cerimônia), e o responsável por manipular os toca-discos era o DJ (*disc jockey*).

O rap assumiu muitas formas, desde o ingênuo (em tom alegre) e o político (com viés contestador) até o *gangsta rap*, que retrata a periferia como um mundo de violência e ostentação. Com o tempo, embora criticasse a mídia em seus discursos, esse estilo conquistou espaço de divulgação nas rádios e redes de televisão. No Brasil, destacam-se artistas como MV Bill, Racionais MC's, Thaíde & DJ Hum, Criolo, Emicida, entre outros.



©olhapress/Cris Bierrenbach

Racionais MC's: maior grupo de rap do Brasil

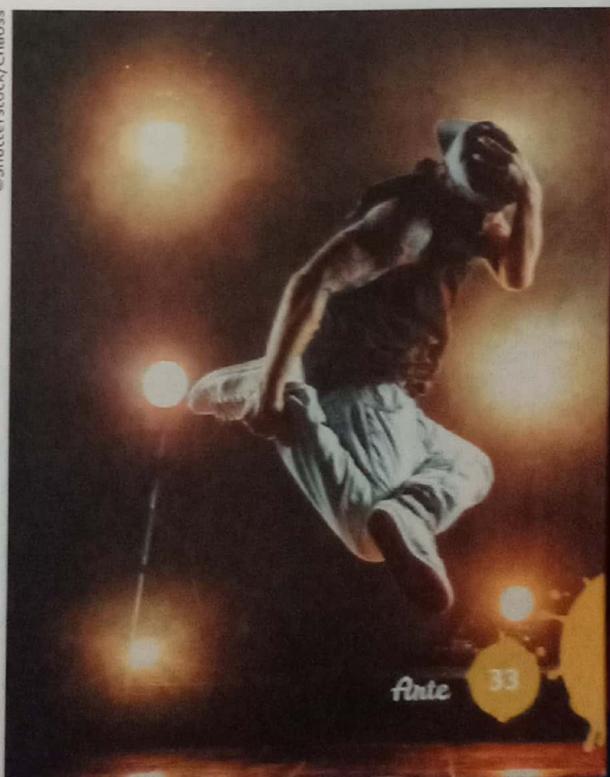
Break

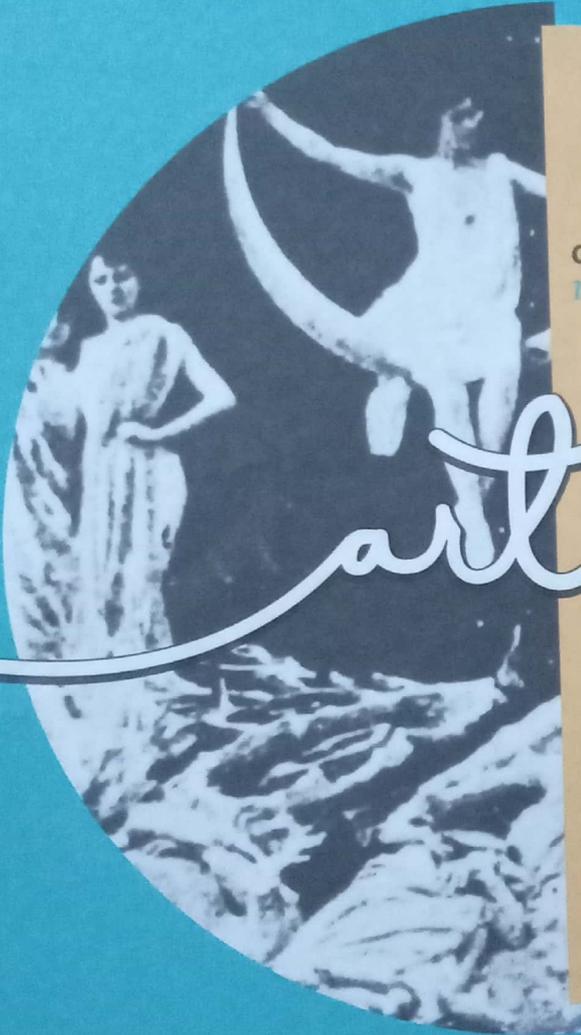
Breaking ou *break* é o estilo de dança de rua criado pelos jovens afrodescendentes e hispânicos de Nova Iorque, na década de 1970. A música utilizada para a dança varia entre o *pop*, o *hip-hop*, o *funk* ou combinações diversas desses ritmos.

Com movimentos que lembram imagens em câmera lenta, gestos de combate e giros do corpo no ar ou no chão, a dança de rua exige força, flexibilidade e técnica.

Atualmente, o *break* adquiriu uma variedade de propostas e estilos, com passos e regras especializadas. Muitas dessas propostas se caracterizam pelo combate à violência nas ruas, pela consciência corporal e pela construção de uma identidade social.

©Shutterstock/Chaoss





Capítulo 4
Modernismo Brasileiro 2

arte





Modernismo Brasileiro

1 Encaminhamento do tema da abertura do capítulo.

©Tempo Composto/Romulo Fialdini

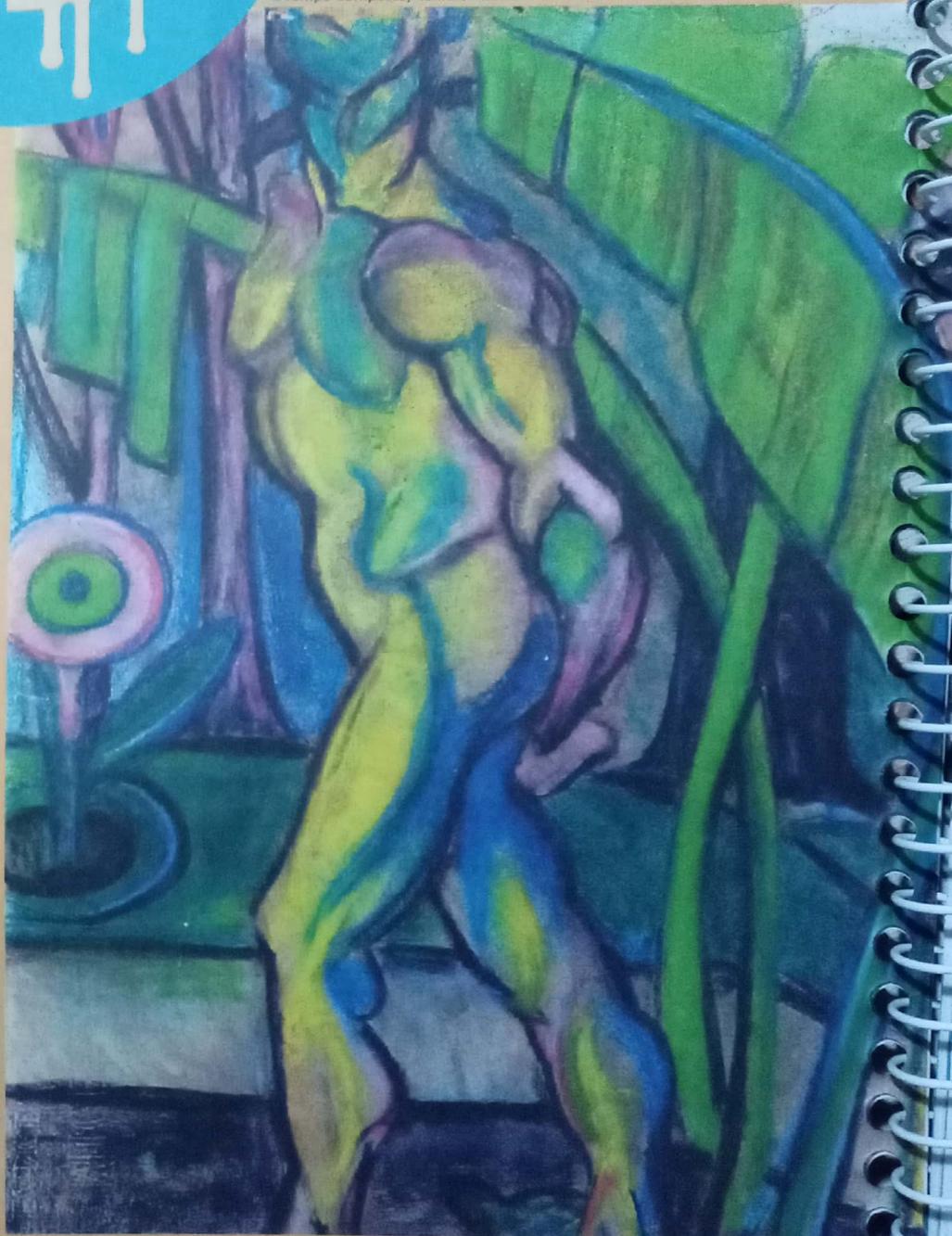
o que você vai conhecer

- Artes visuais e música do Modernismo brasileiro
- Cinema: origens, gêneros e fundamentos
- Música brasileira regional: caipira e sertanejo

O Modernismo brasileiro surgiu em São Paulo, com a proposta de construção de uma arte que aliasse valores nacionais a novas estéticas e linguagens das vanguardas europeias.

Além das artes visuais, vamos estudar o cinema e a música produzidos nesse período. As conexões entre a cultura rural e a urbana são exploradas por meio da obra do comediante Mazzaropi e da música caipira.

Observe as pinturas e reflita: Quais características as tornam reconhecidas como modernistas?



MALFATTI, Anita. *O homem de sete cores*. [1915-1916]. 1 carvão e pastel sobre papel, color., 60,7 cm x 45 cm. Museu de Arte Brasileira FAAP, São Paulo.

Leia o texto a seguir, que apresenta a reação de artistas e intelectuais que visitaram a exposição de Anita Malfatti. Em seguida, converse com seus colegas sobre as críticas feitas à obra da pintora. Você concorda com elas? Por quê? 3 Leitura complementar.

Coleção traz Anita Malfatti, que chocou cena de SP em 1917

Em 1917, São Paulo recebeu a “Exposição de Pintura Moderna Anita Malfatti”, que reuniu especialmente a produção da artista em seus anos de estudos na Alemanha e nos Estados Unidos. Foi demais para a cidade.

O escritor Monteiro Lobato foi à mostra. Não gostou do que viu e, por isso, escreveu um artigo publicado na imprensa que dizia: “[...] seduzida pelas teorias do que ela chama arte moderna, [Anita] penetrou nos domínios de um impressionismo discutibilíssimo, e pôs todo o seu talento a serviço duma nova espécie de caricatura”.

O fato é que a inusitada obra expressionista da paulista não foi bem aceita pelo pensamento provinciano reinante na cidade, que, no campo das artes, ainda valorizava o academicismo.

[...]

Mesmo em 1917 houve quem soubesse apreciar a arte de Anita. “A sua arte é a negação da cópia, a ojeriza da oleografia”. Foi nesses termos que Oswald de Andrade defendeu a artista.

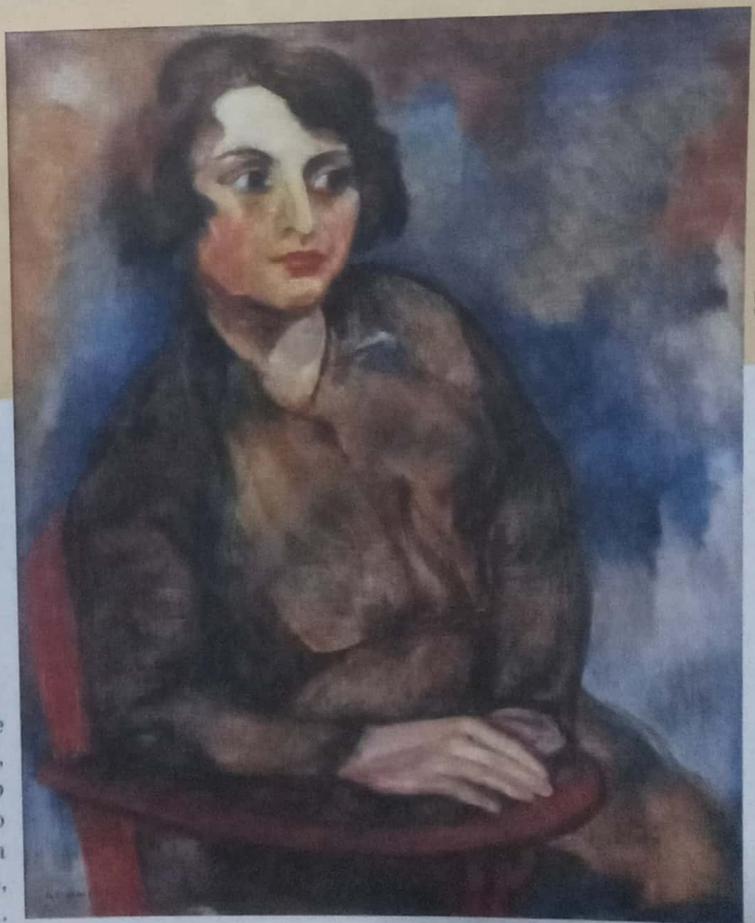
Ele foi um dos artistas e intelectuais que se reuniram em torno de Anita, uma mulher de certa forma à frente do seu tempo.

Cinco anos depois, em 1922, esse grupo viria a organizar a Semana de Arte Moderna de 1922, cujos desdobramentos até hoje são apontados como relevantes para a arte produzida no Brasil.

A obra inicial de Anita – a “personalidade historicamente mais importante” do movimento de 1922, como apontou certa vez o crítico Paulo Mendes de Almeida – era marcada pela impetuosidade, pela distorção e pela paleta de cores puras e vibrantes. [...]

COLEÇÃO traz Anita Malfatti, que chocou cena de São Paulo em 1917. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/117335-colecao-traz-anita-malfatti-que-chocou-cena-de-sp-em-1917.shtml>>. Acesso em: 11 out. 2019.

MALFATTI, Anita. *A estudante russa*. 1915. 1 óleo sobre tela, color., 76 cm × 61 cm. Coleção de artes visuais do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Brasil.





Objetivos do capítulo

- Compreender conceitos relacionados ao Modernismo brasileiro.
- Aprender sobre a Semana de Arte Moderna de 1922.
- Conhecer os principais nomes da arte moderna brasileira.
- Descobrir o universo do Cinema Novo e dos filmes de Mazaropi.
- Conhecer origens, gêneros e fundamentos do cinema.
- Pôr em prática processos de criação cinematográfica (roteiro, *storyboard*).
- Pesquisar e apreciar canções da música caipira brasileira.

Primeira fase do Modernismo brasileiro

O Modernismo brasileiro é tradicionalmente dividido em duas fases. A primeira se iniciou em 1913, com a exposição de Lasar Segall, e principalmente com a polêmica criada em torno da exposição de Anita Malfatti, inaugurada em 12 de dezembro de 1917.

A mostra reunia 53 trabalhos da artista, entre eles as pinturas *O homem amarelo*, *A estudante russa* e *O japonês*. Eram obras que desobedeciam às regras da arte acadêmica ao apontar para uma estética renovadora, não realista, que se diferenciava no uso de proporções e cores, na deformação das formas e na presença de valores nacionais incorporados à arte moderna universal. Foi um escândalo que levou Anita Malfatti a tornar-se uma das pioneiras da arte moderna brasileira. 2 Aprofundamento do conteúdo.



MALFATTI, Anita. *A boba*. [1915-1916]. 1 óleo sobre tela, color., 61 cm x 50,6 cm. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, Brasil.



MALFATTI, Anita. *O homem amarelo*. [1915-1916]. 1 óleo sobre tela, color., 61 cm x 51 cm. Coleção Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Brasil.



SEGALL, Lasar. *Menino com lagartixas*. 1924. 1 óleo sobre tela, color., 98 cm x 61 cm. Museu Lasar Segall, São Paulo, Brasil.